

AmM/F.130
Raro

OCTAVIO PIRES

MANAOS

Defeitos de Educação

1905



Officinas da TORRE EIFFEL

7 - Rua Desembargador Trindade - 7

PARAHYBA DO NORTE

1906

Meu caro Octavio:

Não faço um prefacio ao teu livro e em duas razões me estribo para assim falar-te: sou decididamente contra os prefacios, contra esse apadrinhamento nullo, muitas vezes inferior á obra que pretende apresentar ao publico, e o teu livro, opportuno e sincero, cheio de tanto valor intrinseco, dispensa essas palavras vãs de sentido que eu aqui tentasse escrever.

Lendo com cuidado e demora, acompanhando com precisão o desenvolvimento das scenas, observei no teu escripto uma linguagem singela mas clara, sem os rebuscados da forma, sem caprichos e esquisitices com que outros menos avisados preoccupar-se-iam, quando executassem semelhante tentamen. E' que teu livro devia ser assim mesmo escripto, pois o destinas mais á comprehensão da creança da escola que á dos eruditos, os quaes, certamente, não te perdoariam outro proceder. Cabe-te, dizer como um dos nossos classicos:

«Qualquer o fará melhor,
Ninguém tão d'alma o fará.»

Esta obra que vás publicar sob o muito significativo titulo de Defeitos de Educaçáo, aos olhos escancarados dos criticos de mais realismo que o rei parecerá incompleto na forma e no molde precisamente literario. De accôrdo. Porem, devo declarar-te que ella póde ser accusada de falha, mas nunca de falsa.

O teu livro, meu caro, tem um grande alcance pratico, constitue-se hoje uma necessidade social.

Ha muito que combater por inconsequente, por vicioso, por criminoso na nossa sociedade; a familia

precisa ser educada, para educar, de maneira a não dirigir, desastrosamente o espirito da creança, assassinando-lhe o futuro e abrindo-lhe a porta do crime e a porta da prisão.

Escreveste uma obra de combate em pról da nossa familia que vê ainda no professor (trato do professor competente, digno de tal nome e não do ganhador ignorante, enfatuado e sem noção de si mesmo) um espantallo de creanças, e na escola uma casa de correção, passando aos filhos, inconscientemente, o titulo de criminosos correccionaes.

O teu livro merece uma demorada leitura dos paes; ha muitos Julios a salvar, para que não tenhamos, como tristemente se observa, rapazes completamente analphabetos e viciados.

Pódes convencer-te de que prestas á nossa sociedade um valioso serviço.

Theodoro Rodrigues.

DEFEITOS DE EDUCAÇÃO

Como se ensina a creança a mentir

Disse Smiles: «O lar faz o homem; porque a educação da familia comprehende não só os costumes e o espirito, mas tambem o caracter».

É sobretudo por ella que o coração se abre, que os habitos se formam e que o caracter se amolda para o bem ou para o mal».

Infelizmente entre nós não se pensa assim.

Vemos diariamente a familia predispondo o espirito das creanças para o mal e facultando-lhes os primeiros germens corruptores do caracter.

E longe de formarem entes perfectos por acertada educação, por errada, formam-nos imperfectos, dissolutos e máos.

Exaggeram o amor maternal, e sem se lembrarem de que a educação começa no momento em que nasce a creança, vão, por excesso de bondade, deixando que as tendencias más supplantem as boas, e, o que é peor, incutindo-lhe no espirito principios condemnaveis e prejudiciaes.

De erro em erro conseguem desfeiar a mais perfeita obra de Deus—o homem.

Quantas vezes não assistimos diariamente a essas praticas reprovadas, no seio das nossas familias?

Quem ha por ahi que não tenha visto como se satisfazem todos os caprichos das creanças, que mal come-

çam a ensaiar os seus primeiros passos e a balbuciar as primeiras palavras?

E isso com o unico fim de não as contrariar e nem as aborrecer.

Muitas vezes mesmo, empregam o meio conhecido e commum de a outros attribuirem as faltas por ellas commettidas, sem se lembrarem de que, por esse meio, lançam-lhes no espirito a primeira semente do mal, que mais tarde ha de tornal-as prejudiciaes a si e ao meio em que tiverem de agir.

Uma das principaes e fataes lições, que recebem as nossas creanças no seio das familias, é a da mentira e mystificação.

E se não, vejamos:

Imaginemos um menino Julio e acompanhemos a sua educação.

Julio já anda e fala. Entre as muitas concessões que se lhe fazem, está a de o permittir ás mesas de refeições.

Cercado pela mãe, pelas tias e pela avó, ahi elle impera como rei absoluto: puxa a toalha, derrama os liquidos, bate com o garfo ou colher nas louças, etc.

Num bello dia, zanga-se e empurra com os pés um prato ou um bule, atira-o ao chão e quebra.

A mãe, longe de aproveitar-se da occasião para prudentemente ministrar-lhe um ensinamento, fazendo-lhe ver o prejuizo que deu e a falta que commetteu, zanga-se e grita: «Creança tôla, feia, vou levar-te para o velho que come meninos que se fazem tôlos».

Julio, ao ouvir as palavras enraivecidas da mãe e a ameaça de ser comido pelo velho, faz *beicinho*, olha para um e outro lado e começa um pranto ensurdecedor.

Immediatamente corre uma tia ou a avó, toma-o nos braços, cobre-o de beijos e, fingindo-se zangada, grita: «Porque ralhias com a creança?» «Não viste que foi a Maria (creadinha que serve a mesa) quem quebrou o bule?»

Dirigindo-se á creança pergunta: «Não foi a Maria quem quebrou o bule, meu amor?»

Julio pára de chorar, ensaia uns sorrisos tentadores e responde: «Foi, sim, foi a Maria».

As ultimas palavras são acolhidas com estridentes gargalhadas e Julio é abraçado e beijado por todos.

Está dada a primeira lição de mentira e praticado o primeiro erro na educação de Julio, erro esse que accumulado a outros que se seguirem, fará desse menino não um homem util a si e á sociedade, mas prejudicial e máo.

Ignora a familia de Julio que «o mentir não é só uma deshonestidade, é tambem uma covardia» e que todo o individuo divorciado da verdade, não inspira confiança a ninguem e não é mais do que um desvalorizado e inutil.

*
*
*

Como se ensina Julio a ser medroso e covarde

Julio tem dois annos de idade.

E' o encanto da familia e á sua vontade ninguem se oppõe.

Quebra os moveis, rasga os papeis, maltrata os animaes e bate na mãe, nas tias, na avó e nas creadas.

Por occasião de suas travessuras e tolices a mãe se contraria e o reprehende. Ameaça-o de castigo, mas nunca vae alem da promessa.

Como não ha outro meio de corrigil-o, começam a falar-lhe de *lobis-homens*, *malintapereiras* e velhos que levam creanças no sacco para comel-as.

Julio mostra-se pouco crente e, se por alguns instantes deixa-se dominar pelo medo, acto continuo volta-se ao mesmo proceder.

Quando bem socegado se acha, batem a porta.

A creadinha vai ver quem é, e volta dizendo: «É um velho que pede esmolas».

«Oh! boa occasião,» diz a mãe. Chama o Julio, e por vontade ou contra a vontade d'elle, leva-o até junto do pobre velho, dá-lhe a esmola e pergunta-lhe:

«O sr. ainda pega e leva para comer creanças tôlas?»

O pobre velho, comprehendendo o motivo da pergunta, responde com voz cavernosa e fazendo caretas: «Sim, senhora, todas as creanças tôlas que encontro, levo-as e como-as!»

—Estás ouvindo Julio? Continua a fazer-te tólo e verás!

Si este menino continuar a não me ouvir, mandal-o-ei chamar para vir buscal-o.

—Sim, senhora, estamos combinados!

Julio fica apavorado e desde esse momento só se consegue accommodal-o, ameaçando-o de ser levado e comido pelo velho.

A mãe não se aproveita do apparecimento do mendigo para despertar o sentimento de compaixão e de caridade na innocente creança, e sim para apavoral-a e acovardal-a.

Não lhe diz que a pessoa que ali se acha é um desfavorecido da sorte. que merece o auxilio de todos, pois amparar os fracos e soccorrer necessitados são deveres que temos a cumprir, e sentimentos de almas bem formadas e corações generosos e bons.

Não lhe diz isso; ao contrario, mostra-lhe o necessitado como um ente máo e despresivel, como um vivente de quem se deve fugir e ter medo.

Duplo erro commette a pobre mãe: não fala a verdade ao seu filho e não se aproveita da oportunidade para ensinar-lhe a praticar o bem.

Não ficam ali os meios de acovardar Julio.

Fala-se-lhe em «almas de outro mundo», que apparecem nos quartos escuros e logares solitarios, e que levam as creanças que não ouvem a seus paes e portam-se mal.

Muitas vezes cobrem-se pessoas da casa com mascaradas e roupas compridas, e, de momento, apparecem ao Julio, procurando agarral-o e leval-o.

Preparado como elle já tem o espirito, acredita nessas phantasias e torna-se covarde e medroso.

Basta que se lhe fale em «alma de outro mundo» ou no *velho*, para elle immediatamente procurar occultar o rosto no collo materno e assim furtar-se aos perigos que o ameaçam.

A familia desconhece que a coragem é um attributo que o homem deve ter e que por isso convem cultival-o e desenvolvel-o.

Sem a coragem o homem não poderá defrontar perigos e defender-se delles, ou confessar a verdade, ainda que tenha de beber cicuta, como Socrates.

É á coragem que se devem a liberdade dos povos e as grandes descobertas das sciencias, cujo numero de martyres é elevado.

E' a coragem que leva o soldado ao campo de batalha em defeza de sua patria amada; é a coragem que impulsiona o sabio nas suas descobertas, atravéz de mil difficuldades; é ainda a coragem que faz que os individuos saibam supportar os infortunios e tornar-se superiores a elles.

Mas a familia de Julio tudo isso esquece, e vai ensinando o pobre menino a ser covarde e poltrão, capaz de correr de sua propria sombra.

* *

Como se ensina Julio a furtar

Julio vai se *preparando* optimamente para a vida: ainda não furta e nem conhece essa *arte*.

Preciso se faz uma liçãozinha sobre esse assumpto, e para isso convem aproveitar-se a primeira occasião.

Julio vai brincar com meninos da vizinhança. Como todas as crianças, é egoísta e tem tendências para o furto.

Por ocasião de achar-se em companhia dos outros meninos, vê uma bóla ou outro qualquer objecto e deseja possuil-o. Premedita o furto e espera ocasião propícia. Chegada esta, pratica-o, abandona os companheiros e corre para casa, occultando as mãosinhas sob o facto.

Entra receioso e como envergonhado de si mesmo.

A mãe, que se acha presente, estranha que elle tão depressa volte, e reparando no filho, nota que traz occulta alguma cousa. Pergunta: «Que é que você traz escondido, Julio?» «Este, embaraçado, responde:—«Nada mamãi.»

—Pois eu não estou vendo que você está escondendo qualquer cousa?

Agarra Julio e verifica que elle procura occultar uma bóla de borracha, que não levou de casa.

Pergunta-lhe: «Donde você trouxe esta bóla, Julio? De quem é?»

Julio cala-se e começa a chorar.

Vem correndo uma tia ou a avó e procurando saber por que elle está chorando, diz: «Ora deixa a criança. «Que mal faz elle trazer essa bóla, uma cousa que nada vale!»

«Fica com ella, meu amor, não chores!»

«Se perguntarem se elle trouxe a bóla, digam que não.»

Julio pára de chorar e fica convencido de que praticou uma boa acção.

Não se aproveita a oportunidade para explicar á criança o horror do furto e o respeito pela propriedade alheia.

Não se diz ao menino que ninguem tem o direito de apossar-se de objectos de outros contra a vontade de seus donos, e que esse acto constitue um crime perante a lei e a sociedade.

Nada disso se diz ao Julio e nem que, quando de-

sejar possuir um objecto, o peça a seus paes, mas não tire de outros, sem ser para isso autorizado.

Tambem não é obrigado a ir restituir a bóla ao seu dono; ao contrario, justifica-se-lhe a falta e acha-se muito natural que a tivesse furtado.

Animado pela impunidade do primeiro erro, Julio prosegue na pratica do mesmo e, á proporção que vae crescendo, tambem vae se aperfeiçoando no furto, e passando dos brinquedos e das fructas ao dinheiro joias, etc.

Em pouco tempo torna-se um gatuno perfeito, dando á familia os maiores desgostos, sem ella lembrar-se de que elle é o menos culpado pelo seu incorrecto proceder, e que os mais responsaveis por tudo são os que não o têm sabido crear e educar.

*
* *

Como se ensina Julio a ser depravado e indecente

Julio fala com desembaraço, mas não pronuncia uma só palavra com acerto.

Elle diz: «Nós se vae, nós se mudemos, elle fiz, eu teve, etc.»

As pessoas da familia ouvem essas palavras com indifferença e não procuram corrigil-as.

Nota-se, porem, que Julio não sabe palavras immo-
raes e gestos obscenos.

E' necessario que elle tudo isso aprenda e que a sua educação seja completa.

Desse trabalho encarrega-se muitas vezes o pae, contra a vontade, é verdade, da mãe, das tias e da avó, as quaes, attendendo ser elle o chefe da casa, não lhe oppõem formal resistencia.

Começa o pai o seu ensinamento e, desejando que o filho se torne cada vez mais interessante, ensina-lhe a linguagem das peixeiras e os gestos dos garotos. Mas não



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**